

Ensino de jornalismo nos Estados Unidos: o caso da Carolina do Norte*

Thomas Bowers **

A Universidade da Carolina do Norte é a mais velha universidade pública dos Estados Unidos. Ela foi idealizada pela constituição estadual de 1776, e seu primeiro edifício foi iniciado em 1793. Abriu suas portas e iniciou atividades em 1795. Foi a única universidade pública dos Estados Unidos que graduava estudantes no século XVIII.

O programa de jornalismo da Universidade da Carolina do Norte não é tão antigo quanto a Escola de Jornalismo da Universidade de Missouri. O primeiro curso de jornalismo da Universidade da Carolina do Norte foi ministrado no Departamento de Inglês, em 1909. Outros cursos foram adicionados àquele currículo, e o Departamento de Jornalismo foi formado em 1924. O Departamento tornou-se uma escola autônoma de jornalismo em 1950.

Dentro da estrutura universitária, a Escola de Jornalismo é uma das três escolas profissionais da Divisão de Assuntos Acadêmicos. As outras são a Escola de Administração de Negócios e a Escola de Educação. Todas essas escolas profissionais são independentes da Faculdade de Artes e Ciências da Universidade.

Antes de me referir ao currículo geral da universidade, gostaria de dizer algo sobre a natureza dos estudantes, que é determinada pelas políticas de admissão da universidade. A Universidade da Carolina do Norte não é como muitas outras universidades estaduais em que há admissão competitiva para estudantes, incluindo estudantes do estado da Carolina do Norte. Os estudantes que pretendam sua admissão na universidade devem frequentar certos cursos

* Tradução de Fátima A. Feliciano (ECA/USP).

** Diretor Adjunto da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Carolina do Norte.

no colégio. Isso inclui: quatro anos de inglês preparatório, três anos de matemática (incluindo um ano de geometria e dois de álgebra), dois anos de ciências sociais (incluindo um ano de história americana e um ano de aspectos governamentais e econômicos) e três anos de ciências biológicas (incluindo biologia e ciência física). Além disso, espera-se que os estudantes tenham completado, pelo menos, dois anos de uma língua estrangeira.

Os estudantes que são admitidos na Universidade da Carolina do Norte gastam seus primeiros dois anos no General College da universidade, onde recebem um currículo extensivo em cursos de artes liberais e gerais. Especificamente, devem cursar matemática, dois anos de uma língua estrangeira e vários cursos chamados de áreas de "perspectiva":

— dois cursos de *estética*, incluindo um curso de literatura e um de artes;

— dois cursos de *ciências sociais*, que incluem economia, sociologia, antropologia e geografia;

— dois cursos de *história*, incluindo um curso de história não ocidental;

— dois cursos de *ciências naturais*, incluindo, pelo menos, um curso de laboratório; e

— um curso de *filosofia*.

Eu mencionei tudo isso porque os estudantes não são admitidos na Escola de Jornalismo até que o seu terceiro ano e requisitos gerais tenham sido completados. Mesmo depois de entrarem para a Escola de Jornalismo, cursam artes liberais fora da Escola de Jornalismo.

Especificamente, eles devem freqüentar cursos adicionais e de nível mais elevado, dos quais de cinco cursos, três devem ser cursados.

Este requisito é feito a fim de proporcionar a eles contato em profundidade com uma área, enquanto outros requisitos proporcionam uma exposição menos extensiva em outras áreas. Dentro da educação geral requisitada, devo esclarecer, exigimos cursos sobre o governo americano; sociologia, economia, psicologia e história recente dos Estados Unidos.

Agora vou me ater aos requisitos do curso de jornalismo propriamente dito. Temos aproximadamente 550 alunos de graduação (alunos de terceiro e quarto anos) e aproximadamente 65 alunos de pós-graduação (50 em mestrado e 15 em Doutorado (PhD)). Gostaria de focalizar minhas colocações nos alunos de graduação, que se situam em dois segmentos — com mais especialização de estudos. Aproximadamente metade dos estudantes estão no segmento de publicidade e a outra na de imprensa e editoração. A seqüência imprensa — editoração inclui o que chamamos de opções tradicionais tanto quanto a opção de relações públicas (15%) e telerrádiojornalismo (15%). Os estudantes tradicionais, aqueles que se interessam por trabalhar como repórteres, redatores e editores de jornais e revistas, são uma minoria (25%) entre nossos estudantes. Isso

também é um fenômeno nacional entre os quase noventa mil estudantes de jornalismo e comunicação de massa nos Estados Unidos. Aproximadamente dois terços dos nossos estudantes de graduação são mulheres, maior que a cifra nacional de 60%. Colocamos relações públicas e estudos de telerradiojornalismo no segmento de jornalismo-editoração e não como segmentos separados por uma importante razão filosófica: acreditamos que os estudantes que desejam entrar nessas profissões necessitam de um sólido *background* nas técnicas de jornalismo impresso.

Temos certos requisitos básicos em termos de currículo para os estudantes em todos os segmentos, incluindo um curso de redação e outro sobre legislação e ética dos meios de comunicação de massa. Exigimos, ainda, que todos os estudantes se submetam a um teste de ortografia e gramática antes de se graduarem.

Descreverei, agora, os requisitos específicos para o segmento tradicional de opção jornalismo-editoração, mas não entrarei em detalhes sobre publicidade, relações públicas ou programas de radio-teledifusão.

Além dos cursos de redação e legislação dos meios de comunicação, todos os estudantes da opção jornalismo devem frequentar um curso de reportagem e um curso de edição, que inclui prática de edição em vídeo. Além disso, os estudantes devem escolher mais dois cursos de um grupo que chamados de cursos de "habilidades" que incluem linguagem especializada, redação de editoriais, fotojornalismo, redação e edição de revistas, reportagem avançada, edição avançada, fotojornalismo avançado. Eles devem também escolher dois cursos de um grupo ao qual chamamos *courses conceituais*, que incluem história dos meios de comunicação, publicações correntes em comunicação de massa, ética dos meios de comunicação, comunicação internacional, efeitos dos meios de comunicação, jornalismo comunitário, relações públicas, pesquisa e publicidade dos meios de comunicação.

Pode parecer que os estudantes frequentam um número muito grande de cursos, mas isso não ocorre. Em realidade, nós não permitimos que os alunos cursem mais do que 25% de jornalismo. Os outros 75% devem ser cursados fora da escola de jornalismo, e a maioria deles devem ser em artes liberais. O requisito advém da filosofia de que estudantes que se preparam para as carreiras de jornalismo e comunicação de massa devem ter um *background* em artes liberais e humanidades com uma fundamentação limitada em jornalismo. Esta filosofia tem sido largamente aceita entre professores de jornalismo e jornalistas profissionais. Nos seus trabalhos, os jornalistas devem saber um pouco de tudo. Há ainda o sentimento que os jornalistas devem ser *educados* e não *treinados*. Gostaria de acrescentar, ainda, que há um debate extensivo nos Estados Unidos sobre a educação superior neste momento, sobre a importância das artes liberais, e de *educação* ao invés de *treinamento*.

A qualidade do currículo, claro, é mais do que uma lista de requisitos disciplinares. A qualidade de um currículo — e dos estudantes que o completam — dependem grandemente da qualidade

da faculdade que promove os cursos. Na Universidade da Carolina do Norte e em outras universidades, grande cuidado e consideração são dedicados à qualidade dos professores. Mais importante, os membros da faculdade devem ter experiência profissional como condição para o ensino. Algum tipo de experiência profissional é um requisito para a Universidade da Carolina do Norte e virtualmente para todas as outras escolas e departamentos de jornalismo. A extensão dessa experiência varia, é claro. Alguns membros da universidade têm muitos anos de experiência profissional, e alguns poucos apenas o doutorado. Outros membros da faculdade têm muito menos experiência profissional, e muitos deles estão na iminência de um doutorado. A questão é que o corpo docente em uma escola em particular deve ser balanceado entre profissionais experientes e outros com formação acadêmica. Essa média funciona bem na maioria das vezes.

De qualquer forma, é importante que a experiência profissional seja *recente*. A tecnologia do jornalismo tem mudado tão rapidamente nos últimos anos, que alguém que esteve fora de uma redação por mais de alguns poucos anos não está a par das condições correntes de trabalho. É por isso que é tão importante para os membros de uma faculdade retornarem às redações, a fim de constantemente, se manterem atualizados.

O importante é que os educadores se mantenham alertas e em contato com o mundo jornalístico. Isto é uma atitude tanto quanto uma condição de experiência. Os educadores não podem se permitir viverem isolados numa torre de marfim.

Os educadores podem fazer *outras coisas* para se manterem perto da profissão jornalística. Alguns professores servem a jornais como supervisores de redação. Sob esses arranjos, um jornal contrata um professor para despender seu tempo ajudando repórteres e editores a melhorarem suas habilidades de redação e edição. Muitos professores nos Estados Unidos desempenham essa atividade em bases regulares durante suas férias de verão. Assim, os professores estão aptos a permanecerem a par das novas tecnologias das redações, e os jornais podem incrementar as habilidades da sua equipe.

Muitos educadores freqüentam *encontros* das associações profissionais, e outros, competições patrocinadas pelas associações de jornalistas. Alguns professores realizam pesquisas de uso prático dos jornais, tais como estudos de leitura ou pesquisas de opinião pública. A minha escola de jornalismo realiza uma grande pesquisa de opinião duas vezes ao ano, fornecendo os resultados para todos os meios de comunicação do estado.

Voltando à questão curricular, o currículo que descrevi, e o currículo em outras escolas, foram determinados por educadores. E é assim que deveria ser, porque são programas educacionais e não programas de treinamento. Embora educadores decidam e devam decidir sobre currículos e conteúdos curriculares, não devem fazê-lo no vácuo — sem levar em consideração sua experiência profissional e a opinião de profissionais.

Os profissionais têm vários mecanismos de participação nessas deliberações. Algumas escolas de jornalismo criaram *quadros de visitantes*, que nada mais são que grupos de profissionais que se encontram regularmente para conferenciar com educadores sobre programas de jornalismo e meios de comunicação de massa e oferecerem aconselhamento sobre currículo e outros assuntos. Esses quadros podem se transformar em um modo útil para que as escolas de jornalismo demonstrem o que estão fazendo e para que jornalistas profissionais permaneçam a par do que está sendo ensinado nestas escolas.

Alguns grupos formais se estabeleceram para propiciar um fórum de discussão entre educadores e profissionais num nível nacional. O primeiro deles é chamado de Comitê sobre Ensino de Jornalismo-Editoração e é uma união entre a American Society of Newspaper Editoria e a Association for Education in Journalism and Mass Communication (AEJMC). Um dos seus maiores projetos tem sido o desenvolvimento e a adoção de um papel que posicione e chame as universidades para o reconhecimento profissional, como um critério importante para a aquisição de membros para as faculdades de jornalismo, além de reconhecer as atividades profissionais como uma continuidade da educação, ou artigos em publicações jornalísticas como meios legítimos para a promoção e o exercício. Uma organização exemplar, o Council on Education for the Eletronic Media formou-se recentemente. Muitas das associações nacionais de meios de comunicação, tais como a American Society of Newspapers Editors e a American Society of Magazine Editors, têm importantes comitês que lidam com assuntos acadêmicos. Outro fórum para discussão sobre currículo é o corpo nacional de credenciamento, que discutirei adiante.

Os estudantes devem ter a chance de aprender além da sala de aula, assim uma parte integrante do nosso currículo — e algo que depende de grande participação e apoio dos profissionais — é o programa de *estágio* para nossos estudantes. Estes são programas que permitem aos estudantes trabalharem para jornais ou revistas a fim de ganharem mais experiência e serem expostos a situações de vida cotidiana. Os estudantes realizam esse programa durante as férias de verão, muito embora alguns se dediquem a eles em outros períodos. Embora muitas escolas de jornalismo dêem aos estudantes créditos acadêmicos por essa experiência, nós não o fazemos na Universidade da Carolina do Norte. Alguns jornais e revistas têm tais programas muito bem estruturados. Muitos estudantes podem se candidatar a um pequeno número de estágios, e as publicações selecionam os melhores. Eles têm programas de treinamento e orientação, e os estudantes envolvidos devem ocupar várias posições na equipe durante o período de férias de verão. Esses estágios são muito úteis para os estudantes, mas são também úteis para os jornais e revistas, porque os editores podem se colocar a par de empregados em potencial e observá-los durante longos períodos em condições reais de trabalho. Muitos jornais e revistas contratam esses

estagiários depois que estes se graduam, porque têm pouca dúvida sobre suas habilidades.

Nosso currículo e programa educacional são também resultado de *jornalistas profissionais que visitam ou ensinam*. A Universidade da Carolina do Norte bem como muitos outros programas de jornalismo contratam jornalistas profissionais como professores em tempo parcial. Nós fazemos isso a fim de proporcionar maior exposição à prática profissional e problemas correntes bem como encontrar demandas de crescimento para o nosso corpo docente.

O programa do "editor-residente"* da American Society of Newspaper Editors é particularmente importante. Nesse programa, os editores visitam escolas por duas ou três vezes, por conta de seu jornal, e falam a estudantes em universidades ou em sessões informais. Um programa relatado, o programa minoritário *editor-residente*, traz alguns editores para programas que não devem, por outro lado, dispor de poucos membros do corpo docente. Eles podem ser especialmente importantes como modelos de desempenho para estudantes de jornalismo.

Credenciamento é uma outra maneira muito importante na qual educadores e profissionais cooperam sobre currículo e outros assuntos. Este é processo pelo qual os programas educacionais são cuidadosamente avaliados e aprovados por educadores e profissionais. Isso é comum em muitos programas profissionais além do jornalismo e comunicação de massa, incluindo direito e medicina, enfermagem e administração de negócios. O propósito do credenciamento é o de assegurar-se da qualidade do programa para estudantes em potencial e profissionais.

Em jornalismo e comunicação de massa, o corpo de credenciamento reconhecido pelo governo americano é o Accrediting Council on Education in Journalism and Mass Communication, ou ACEJMC, que foi fundado nos anos 40, com o apoio de organizações de jornais e revistas. Editores continuam a ser os suportes primários da ACEJMC, muito embora os interesses dos estudantes em publicidade, relações públicas e telerradiodifusão tenham mudado a paisagem da educação em comunicação e jornalismo. Editores de jornais têm fornecido especial suporte financeiro e de liderança que fizeram da ACEJMC uma organização forte. O propósito da ACEJMC é tentar assegurar controle de qualidade nos programas de jornalismo e comunicação de massa para estudantes e meios de comunicação. Em 1987, aproximadamente 80 dos mais de 300 programas de jornalismo e comunicação de massa em universidades americanas adotaram os padrões da ACEJMC e foram credenciados.

O processo é longo. Uma vez credenciados os programas são reavaliados a cada seis anos. O processo começa com uma requisição do reitor da universidade de que o programa seja avaliado para credenciamento ou recredenciamento. A escola ou departamento então se submete a um ano inteiro de auto-estudo ou exame no qual

* No original, *editor-in-residence*. (N.T.).

se avalia a si própria de acordo com os padrões da ACEJMC e de seus próprios objetivos. O resultado escrito desse auto-estudo é enviado para uma equipe de educadores e profissionais escolhidos para avaliar aquele programa.

Após a leitura de auto-estudo, a equipe de credenciamento visita a escola e fala com os estudantes, corpo docente, profissionais de meios de comunicação locais e administradores. A equipe avalia o programa tendo como base 12 padrões, incluindo currículo, ensino, administração, gravações, aconselhamento, estágios, suporte financeiro, equipamento e facilidades, corpo docente, alunos, serviços públicos e minorias recrutadas.

A equipe escreve um relatório e faz recomendações ao comitê de credenciamento. O comitê se reúne anualmente para revisar todos os relatórios para aquele ano e fazer recomendações para o conselho de credenciamento. A lista de programas credenciados é fartamente distribuída para organizações de meios de comunicação e se torna ao alcance de estudantes e pais.

O credenciamento é valioso para as escolas porque representa um selo de qualidade dos profissionais e outros educadores. Dá credibilidade a estes programas para pais e estudantes, para o público e para o resto da universidade. O credenciamento tem um benefício prático para as escolas também. Alguns dos benefícios financeiros mencionados anteriormente são restritos a programas de credenciamento, como também um incentivo especial para que as escolas mantenham a qualidade em seus programas.

Para o público — quero dizer estudantes e pais — credenciamento é a segurança de que o programa encontrou os padrões da equipe. Para os profissionais — quero dizer revistas e jornais — credenciamento significa que alunos de graduações devam encontrar seus padrões estabelecidos através da participação de organizações profissionais.

Há muitos outros tópicos a serem abordados, incluindo colocação profissional de estudantes, programas de educação permanente para profissionais e suporte financeiro de educação jornalística por organizações profissionais. Mas isso fica para uma outra vez.